

O RIO TAQUARI COMPÕE HISTÓRIAS: A TERRITORIALIDADE PESQUEIRA E OS SABERES DE PESCADORES ARTESANAIS, RIO GRANDE DO SUL

Emelí Lappe¹

Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES

E-mail: emelilappe@universo.univates.br

Luís Fernando da Silva Laroque²

Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES

E-mail: lflaroque@univates.br

Resumo

As atividades da sociedade conectadas à natureza se relacionam e, portanto, fazem parte da produção sociocultural do espaço. Nos espaços do Rio Taquari, porção centro-leste do estado do Rio Grande do Sul, os pescadores artesanais buscaram diversos lugares para viver e manusear o ambiente para que pudessem utilizá-lo na garantia da sustentabilidade familiar envolvendo seu pescado. Assim, o artigo objetiva analisar as relações que os pescadores artesanais do rio Taquari estabelecem com o território a partir de suas práticas e saberes com a pesca. A metodologia constituiu-se com uma abordagem qualitativo-descritivo, utilizando revisão bibliográfica, entrevistas com base na história oral e relatos registrados em diários de campo, e dados analisados a partir de teóricos da territorialidade e da natureza dos rios. Considerando que a pesca é uma das atividades econômicas mais antigas desenvolvidas pela sociedade, cujo papel foi fundamental na obtenção de recurso alimentar para as comunidades ribeirinhas, constatou-se que esta prática embora com ressignificações continua presente entre os pescadores artesanais do rio Taquari.

Palavras-chave: Territorialidade pesqueira; Pescadores artesanais; Rio Taquari.

RIO TAQUARI TELLS STORIES: FISHERY TERRITORIALITY AND THE KNOWLEDGE OF ARTISANAL FISHERMEN, RIO GRANDE DO SUL

Abstract

The society activities connected to nature are related and, therefore, are part of the socio-cultural production of the space. In the spaces of the Taquari River, in the central eastern portion of the state of Rio Grande do Sul, artisanal fishermen sought out various places to live and manage the environment so that they could use it to guarantee family sustainability involving their fish. Thus, the article aims to analyze the relations that artisanal fishermen from the Taquari River establish with the territory from their practices and knowledge with fishing. The methodology consisted of a qualitative-descriptive approach, using a bibliographic review, interviews based on oral history and reports recorded in field diaries, and data analyzed from territoriality theorists and the nature of the rivers. Considering that fishing is one of the oldest economic activities developed by societies, whose role

¹ Doutoranda e bolsista PROSUC/CAPES - Código de Financiamento 001 - no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento e Graduação em História, pela Univates. E-mail: emelilappe@universo.univates.br. A pesquisa se insere no Projeto de Pesquisa Identidade Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas. Contou com auxílio financeiro da PAPERGS e da Univates.

² Doutorado em História. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento e do Curso de História da Univates. E-mail: lflaroque@univates.br

was fundamental in obtaining food resources for riverside communities, it was found that this practice, although with new meanings, is still present among artisanal fishermen on the Taquari River.
Key words: Fishing territoriality; Artisanal fishermen; Taquari River.

EL RÍO TAQUARI COMPONE HISTORIAS: LA TERRITORIALIDAD PESQUERA Y LOS SABERES DE LOS PESCADORES ARTESANALES, RÍO GRANDE DEL SUR

Resumen

Las actividades de la sociedad conectadas a la naturaleza se relacionan y, por lo tanto, forman parte de la producción sociocultural del espacio. En los espacios del río Taquari, porción centro-este del estado del Río Grande del Sur, los pescadores artesanales buscaron diversos sitios para vivir y manosear el ambiente a fin de utilizarlo en la garantía de sostenibilidad familiar, involucrando su pesca. De esta manera, el artículo objetiva analizar las relaciones que los pescadores artesanales del río Taquari establecen con el territorio a partir de sus prácticas y saberes con la pesca. La metodología se constituye con un abordaje cualitativo-descriptivo, empleando repaso bibliográfico, entrevistas con base en la historia oral y declaraciones registradas en diarios de campo, y datos analizados a partir de teóricos de la territorialidad y naturaleza de los ríos. Considerando que la pesca es una de las actividades económicas más antiguas desarrolladas por la sociedad, cuyo papel fue fundamental para obtener recursos alimentarios para las comunidades ribereñas, se constató que esta práctica, aunque con resignificaciones, continúa presente entre los pescadores artesanales del río Taquari.

Palabras-clave: Territorialidad pesquera; pescadores artesanales; río Taquari.

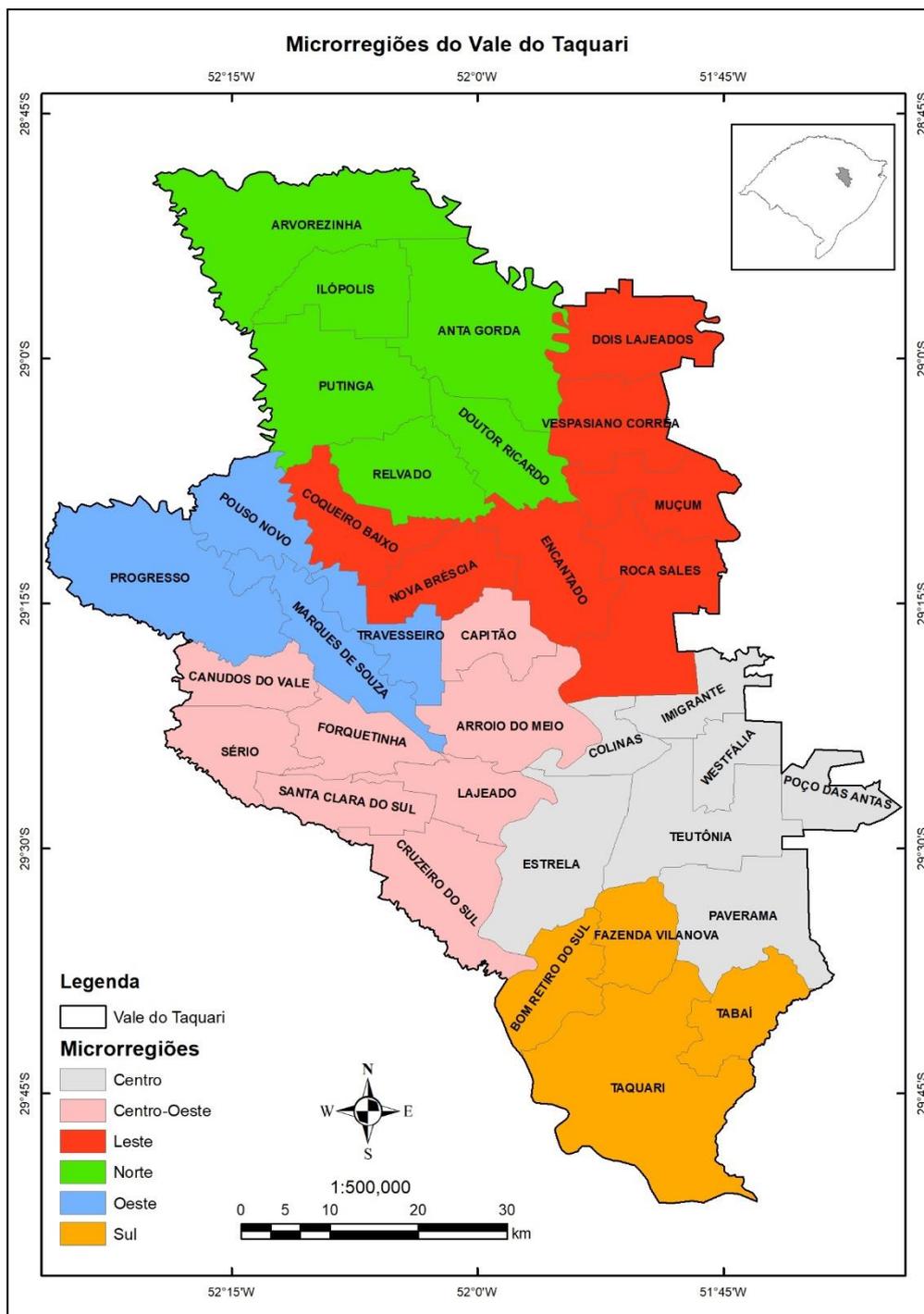
Introdução

O Vale do Taquari é uma região formada por 36 municípios e localiza-se na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul. A região do Vale do Taquari é drenada pela Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, que é o principal recurso hídrico. O Rio Taquari nasce no extremo leste do Planalto dos Campos Gerais com a denominação de Rio das Antas (FIGURA 01). A partir da confluência com o Rio Carreiro, passa a denominar-se Rio Taquari, cuja foz é no Rio Jacuí (FERRI; TOGNI, 2012, KREUTZ; MACHADO, 2017). A região do Vale do Taquari insere-se no bioma Mata Atlântica. A vegetação presente no território é a Floresta Estacional Decidual³ e Floresta Ombrófila Mista⁴.

³ Típica da maior parte do Vale do Taquari, sendo observada ao centro e ao sul.

⁴ Ocorre com maior frequência ao norte. A espécie mais comum neste tipo de vegetação é a *Araucaria angustifolia*, o pinheiro.

Figura 01 – Localização do Vale do Taquari/Rio Grande do Sul.



Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa⁵.

⁵ ACERVO documental e fotográfico. Projeto de Pesquisa “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS”. Univates.

Os rios e as diferentes sociedades se entrelaçam em uma história que não pode se desvincular. A necessidade vital da água fez o ser humano construir suas primeiras aldeias na proximidade dos leitos dos rios (FONSECA; CAROLA, 2017). Assim, podemos salientar que no decorrer da história, modificações aconteceram na relação das sociedades com a natureza e, por consequência, na sua relação com a água, pois todas as sociedades cresceram e se desenvolveram com base na água e nos entornos de rios (BACCI; PATAÇA, 2008). Neste sentido, o fazer pesqueiro, compondo as práticas e a dieta alimentar das coletividades humanas, permeou a trajetória da humanidade até os dias atuais (BAPTISTA, 2007; CARDOSO, 2001; SANTOS; SANTOS, 2005). Além da subsistência familiar, esta atividade associa-se à organização socioeconômica das coletividades e apresenta uma temporalidade antiga, pois foi utilizada para abastecimento de núcleos urbanos e espaços interioranos do Brasil colonial (MORENO; CARVALHAL, 2013).

De acordo com Santos e Santos (2005), a atividade pesqueira, classificada como atividade do setor primário, destinada basicamente à alimentação e ao comércio (SANTOS; SANTOS, 2005), pode ocorrer em águas interiores – são aquelas provenientes de lagoas, rios, arroios, sangas, riachos, barragens e açudes, assim como as de represas que fornecem águas às lavouras por meio de comportas ou dutos, bem como em mar aberto (CARTILHA DO PESCADOR, 2003). O manejo dos recursos pesqueiros dá-se por meio da pesca extrativa e pela aquicultura (ABDALLAH, 1998). Neste sentido, quando falamos em pesca extrativista, um interlocutor geógrafo que tem estudos sobre a territorialidade pesqueira explana que “o pescador é um extrativista – ele come o que ele pescou naquele dia ou o que ele conseguiu acumular” (EG2, 24/09/2020, p.1). Conforme ressalta Borges (2015), a pesca extrativa é considerada um uso não consuntivo, devido ao peixe ser extraído diretamente do curso da água.

Segundo Santos e Santos (2005), como os recursos hídricos e os organismos que neles vivem são de domínio público, o exercício da pesca é garantido para todos, desde que sejam registradas como atividades de pesca. Dessa forma, a atividade pesqueira de acordo com a legislação enquadra-se em cinco categorias: a) Pesca comercial: desenvolvida por pescadores profissionais e destinada à comercialização; b) Pesca industrial: desenvolvida por pescadores profissionais; c) Pesca de peixes ornamentais: desenvolvida por pescadores artesanais de peixes vivos; d) Pesca de subsistência: desenvolvida por pescadores e destinada à sua alimentação e à de seus familiares, a produção além de consumida pela família, também

é comercializada; e) Pesca Esportiva: no sistema pesque-pague, pesque-solte e pesque-leve (SANTOS; SANTOS, 2005).

A pesquisa referenciou como delimitação espacial pescadores artesanais⁶ residentes no Vale do Taquari⁷, Rio Grande do Sul, respectivamente nas cidades de Encantado, Lajeado, Estrela, Taquari, Bom Retiro do Sul e Mariante. Dessa forma, a partir da interlocução com pescadores das cidades de Encantado, Lajeado, Estrela e Taquari, percebe-se que, em se tratando do rio Taquari, a atividade pesqueira é classificada na categoria de pesca comercial e artesanal, visto que os pescadores comercializam seu pescado e mantêm a sustentabilidade familiar. Quando tratamos de pesca comercial, realizada pelos pescadores do rio Taquari, um pescador explana que “Geralmente como na nossa região não tem cooperativa então o nosso peixe é vendido direto pro consumidor. Com talão de produtor, então em qualquer lugar o pescador profissional pode vender” (EP2, 11/05/2018, p.11). O pescador da cidade de Encantado expõe que após pescar o peixe, ele limpa o pescado e posteriormente coloca no freezer. Quando os compradores desejam adquirir os peixes, estes se dirigem até sua residência para escolher e comprar o pescado (DIÁRIO DE CAMPO, 30/03/2018). Além da comercialização do pescado, a pesca artesanal envolve uma diversidade de técnicas, modos de apropriação dos recursos pesqueiros, organização da produção e distribuição dos rendimentos (CARDOSO, 2001).

De acordo com Andreoli e Anacleto (2006), os pescadores artesanais se caracterizam pela simplicidade da tecnologia utilizada em seus aparatos de pesca e, conforme Cardoso (2001), as tecnologias possuem baixo poder de predação. Corroborando com a questão, o artigo de Borges e Cardoso (2013) sobre os pescadores do rio Taquari ressaltam que nas embarcações dos pescadores utilizadas nas pescarias destaca-se o caíco, tanto a remo quanto a motor.

A atividade pesqueira faz parte de um universo permeado de costumes e conhecimentos passados entre gerações, normalmente de pai para filho (BRAIDO e CAPORLINGUA, 2013), ou, conforme Andreoli e Anacleto (2006), a pesca baseia-se em conhecimentos transmitidos ao pescador normalmente pelos mais velhos e com a própria experiência no rio. Os pescadores têm em comum os conhecimentos da pesca e do rio,

⁶ Por pescadores artesanais, caracterizam-se os profissionais da pesca que utilizam simples tecnologia em seus apetrechos de pesca (ANDREOLI E ANACLETO, 2006).

⁷ O Vale do Taquari é uma região formada por 36 municípios. Está localizado na porção centro leste do Rio Grande do Sul.

conhecimentos estes adquiridos no decorrer de suas vidas e de suas profissões, bem como pela interação com o meio ambiente e principalmente. Sendo assim, o objetivo da pesquisa consiste em analisar a territorialidade pesqueira e os saberes de pescadores artesanais em territórios do Vale do Taquari/Rio Grande do Sul, bem como as relações estabelecidas entre os pescadores e o território que ocupam.

A metodologia constitui-se em pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo com pescadores artesanais do Rio Taquari, localizados nas cidades de Encantado (2 pescadores), Lajeado (2 pescadores), Estrela (1 pescador), Taquari (2 pescadores), Bom Retiro do Sul (1 pescador) e Mariante (1 pescador). A coleta de dados foi realizada através de pesquisas de campo, onde foram efetuados registros em diário de campo⁸ e entrevistas semiestruturadas⁹ com os pescadores artesanais para as quais obtivemos o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistas realizadas foram registradas em áudio com o auxílio de um aplicativo de gravador e posteriormente transcritas, com a opção

⁸ DIÁRIO DE CAMPO de 08 de fevereiro de 2019. Visita à residência do pescador P1 – Encantado. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas: história, movimentações e desdobramentos socioambientais.** Lajeado: Univates. 08 fev. 2019. 4p.

DIÁRIO DE CAMPO DE 09 de março de 2018. Visita à Colônia de Pescadores Z32 – Taquari. **Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS.** Lajeado: Univates. 09 mar. 2018. 3p.

⁹ EG2– **Entrevistado EG2:** Relato [24 set. 2020, 6p]. Geógrafo. Entrevistador: Emeli Lappe. Lajeado (RS): s.e., 2020. Gravação pelo Google Meet. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS. Lajeado: Univates.

EG3– **Entrevistado EG3:** Relato [26 set. 2020, 5p]. Geógrafo. Entrevistador: Emeli Lappe. Lajeado (RS): s.e., 2020. Entrevista por e-mail. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS. Lajeado: Univates.

EP1 – Entrevistado **EP1:** Relato [05 mai.2018, 21p]. Propriedade do Pescador EP1. Encantado/RS. Entrevistador: Emeli Lappe. Lajeado (RS): s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS. Lajeado: Univates.

EP2 – Entrevistado **EP2:** Relato [11 mai.2018, 11p]. Colônia de Pescadores Z32. Taquari/RS. Entrevistador: Emeli Lappe. Lajeado (RS): s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS. Lajeado: Univates.

EP4 – Entrevistado **EP4:** Relato [22 nov. 2018, 11p]. Colônia de Pescadores Z20. Estrela/RS. Entrevistador: Emeli Lappe. Lajeado (RS): s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS. Lajeado: Univates.

EP6 – Entrevistado **EP6:** Relato [07 fev. 2019, 15p]. Propriedade do pescador. Lajeado/RS. Entrevistador: Emeli Lappe. Lajeado (RS): s.e., 2019. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS. Lajeado: Univates.

de se respeitar, no decorrer do texto, as falas dos interlocutores que expressam a singularidade de cada pescador. Nos registros de campo, as observações durante a pesquisa de campo, sobre as situações vividas, fatos presenciados e o diálogo com diferentes pessoas, foram realizadas para que em seguida fossem transcritas em forma de diário de campo para que fossem utilizadas como registro histórico da pesquisa realizada. Importante reforçar que a pesquisa apresentou memórias individuais e coletivas a partir de relatos e narrativas de pescadores artesanais do rio Taquari.

Além disso, a pesquisa de campo com os pescadores artesanais foi uma experiência diferenciada em razão do contexto de alguns pescadores habitarem bairros afastados do rio. Dos nove interlocutores pescadores artesanais do rio Taquari, quatro deles moram bem próximos ao rio os outros quatro se estabeleceram em localidades mais afastadas do rio Taquari. Também vale salientar que três pescadores são de descendência portuguesa/açoriana; dois pescadores de descendência italiana e quatro pescadores descendentes de alemães.

Como perspectiva teórica para análise dos dados pesquisados, embasamo-nos em autores como Diegues (1983), Baptista (2007) e Arruda (2008), que relatam a territorialidade pesqueira, a natureza dos rios e os saberes tradicionais de pescadores.

Cabe informar que utilizaremos a categoria Sociedade Tradicional ao nos referirmos aos pescadores artesanais inseridos em territórios do Vale do Taquari. Arruda (1999) salienta que as Sociedades Tradicionais são entendidas como aquelas que apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados para a subsistência, baseado em uso intensivo de mão de obra familiar, tecnologias de baixo impacto derivadas de conhecimentos patrimoniais. Diegues; Arruda (2001) salientam que exemplos empíricos de sociedades tradicionais são as comunidades caiçaras, os sitiantes e roceiros tradicionais, comunidades quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais, extrativistas e indígenas. Para Little (2002), o uso do conceito de povos tradicionais oferece um mecanismo analítico capaz de juntar fatores como a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e práticas adaptativas sustentáveis que os variados grupos sociais analisados aqui mostram na atualidade.

Os saberes dos pescadores artesanais do rio taquari: o respeito com o ambiente natural

Proveniente da natureza, a água é um bem de uso coletivo. Nas sociedades urbanas e modernas, a água doce é um bem, em grande parte, domesticado, controlado pela tecnologia (represas, estações de tratamento), um bem público cuja distribuição, em alguns países, pode ser apropriada de forma privada ou corporativista, tornando-se um bem de troca ou uma mercadoria. Na Sociedade Tradicional, apesar da água ser de uso polivalente (beber, lavar, irrigar), existem necessidades menos diversificadas que nas sociedades urbano-industriais, pois nestas últimas a água é usada também para uma diversidade de usos não domésticos e em larga escala (produção de bens industriais, serviços, etc).

Quando utilizamos os estudos de Paul Little (1994) sobre os indígenas Lakota, podemos utilizar as informações elencadas pelo autor para entendermos que as coletividades humanas possuem necessidades de criar raízes em lugares determinados, que permeiam suas histórias de vida e conhecimentos tradicionais. Assim, podemos assinalar que os territórios do rio Taquari expressam histórias, memórias e saberes, bem como conflitos entre atores sociais que possuem interesses particulares, sejam eles interesses no território ou interesse nos recursos hídricos. Arruda (2008) disserta que o processo de construção de território é sempre conflituoso, pois envolve competição com outras populações e outras concepções territoriais, que são concretamente formas diferenciadas de apropriação e representação do ambiente natural.

Os pescadores artesanais do rio Taquari tiram a sua subsistência deste próprio rio e de acordo com Diegues (1983), a exploração dos habitats pesqueiros exige um conhecimento dos recursos naturais, das épocas de reprodução das espécies e a utilização de um calendário complexo dentro do qual se ajustam, com maior ou menor integração, os diversos usos dos ecossistemas. Neste sentido, Philippe Descola (2018) sintetiza que os humanos consideram normal estabelecer relações intersubjetivas com os não humanos – seria concebível legitimar a proteção de um ambiente particular não em virtude de suas características intrínsecas, mas pelo fato de que os animais ali são tratados pelas populações locais como pessoas, regularmente caçados desde que respeitadas certas precauções rituais.

Para Borges (2015) quando estuda os pescadores do Rio Taquari disserta em sua pesquisa que, para que a atividade pesqueira possa garantir a subsistência familiar dos pescadores artesanais, estes precisam localizar e conhecer os locais de pesca e, além disso,

precisam respeitar e cuidar dos mananciais para que a pesca e seus sustento permaneçam. Neste sentido, Cardoso (2001) coloca que a atividade pesqueira consiste em um processo de apropriação da natureza pelo trabalho humano, o qual consiste no conhecimento do pescador a partir de suas práticas de pesca. Ainda para Cardoso (2001), o “saber fazer da pesca” remonta a um saber sobre a natureza construído por homens e mulheres, um saber construído na apropriação da própria natureza. Durante a navegação pelo rio, realizada com um pescador da cidade de Encantado, o pescador artesanal tarrafeou para tentar pegar um peixe. Estava difícil pescar, pois segundo ele, os peixes estavam enxergando e, além disso, o vento atrapalhava um pouco, sendo melhor pescar quando não havia vento. Paramos em vários pontos até que em um, foi pego uma piava de mais ou menos 800 gramas.

De acordo com Andreoli e Anacleto (2006), as embarcações são miúdas ou de médio porte, sem instrumentação de bordo, e pelo baixo custo da produção, onde a remuneração se faz através da venda do pescado para peixarias, bancas de peixe ou banca própria, podendo ocorrer atividades econômicas complementares. Corroborando, em pesquisa à campo na cidade de Encantado, um pescador da referida cidade mencionou que ele próprio faz suas embarcações. O pescador menciona que “as ripas de cima do barco são eucalipto, as do fundo são cedro alagoano - é uma madeira que quando tu serra ela arde o nariz de uma maneira – que nem pimenta” (DIÁRIO DE CAMPO, 08/02/2019, p.4). O pescador, durante a interlocução, salienta que fazia sua embarcação um pouco por dia e que para o barco ficar bom e não entrar água leva um tempo - uns cinco a seis dias (DIÁRIO DE CAMPO, 08/02/2019). Sobre os materiais e apetrechos utilizados nas pescas, o interlocutor de Encantado menciona a seguinte utilização:

Rede, tarrafas, anzóis. É o que eu uso. Covo [armadilha para pescar] eu teria o direito de usar um, mas eu não pesco com covo porque eu acho que é até uma covardia o covo, onde bota comida no covo o peixe ele vai né. E o peixe se, na verdade o fundo do rio ele é um deserto. Saiu a água vira um deserto. Então aonde tem comida o peixe procura ir (EP1, 05/05/2018, p.10).

Corroborando com o interlocutor anterior a respeito dos materiais utilizados para as pescarias, o pescador de Taquari ressalta:

Então sempre o meu ramo de pesca era rede e tarrafa, espinhel e anzol assim, muito pouco, né?! Mas assim, a gente sempre pescou o peixe pra vender, pra comercializar, então pra tê uma renda, uma quantidade maior assim, tem que sê com material mais especificado assim, profissional, rede, tarrafa e outros equipamentos, né?! (EP2, 11/05/2018, p.2).

E sobre os materiais utilizados para a atividade pesqueira, o pescador de Lajeado explana o seguinte:

[...] as redes eram tudo meio que artesanal, o pessoal ia fazendo, errava, fazia de novo errava e ia fazendo até acertar, até que dessa vez acertava. Então a rede, a rede é boa, mas aí tu vai ver ela tem o ponto que escorre, o que que é o ponto de escorre, ela não ficou bem presa aí o peixe entra e escapa, ela se abre né, então isso acontecia muito, agora não, agora já não é mais [...] Porque primeiro se pescava com alfinete e uma linhazinha né, fígava um peixe e ele caía ali não ficava e pegava... [...] A primeira vez que eu fui pescar foi com alfinete [...] Entorta o alfinete, exato pra dar o anzol, coloca a minhoquinha ali, enrola uma linha na cabecinha do alfinete e larga ali, o peixe puxou to “tsst” puxa, ele não fica ferrado mas tu tira da água (EP6, 07/02/2019, p.14).

Percebe-se a partir das interlocuções arroladas que as técnicas de pesca são peculiares de cada pescador. Cada um observa o comportamento dos peixes, avaliam o melhor material e, além disso, o lugar mais propício para se pescar. De acordo com Diegues (1983), o conhecer do pescador se traduz pela sabedoria, algo distinto do saber-fazer. A sabedoria não diz respeito ao manuseio de um apetrecho de pesca, mas onde e quando utilizá-lo. O domínio do saber-fazer é que forma o cerne da profissão do pescador, exigindo um saber-fazer sobre um meio em constante movimento e transformação. Complementando as ideias postas por Diegues, Borges e Cardoso (2013) que enfatizam que, para os pescadores do rio Taquari, por exemplo, para que a pesca ocorra de forma segura e respeitosa para com o meio ambiente, os pescadores precisam articular seus saberes alusivos à água, aos fenômenos atmosféricos e à terra através de seu conhecimento adquirido no dia a dia.

O pescador da cidade de Taquari inicia sua rotina cedo da manhã, mais precisamente às 5 horas e 30 minutos, isto é, antes do sol nascer, e fica no rio pescando até de noitezinha, pois, segundo ele, é o melhor horário de pegar peixes. Em inúmeras vezes, o pescador deixa a tarrafa ou a rede no local escolhido e volta para casa, indo ao anoitecer recolher seu material de pesca e os peixes pescados. Quando os pescadores largam a rede no rio, sinalizam com boia onde tem o material de pesca para que não haja acidentes. Um pescador que estava na roda de conversa relata que “é um serviço leve, que não te judia”. [...] às 10 horas ou 11 horas tu vê as carpa nadando, quando a água tá mais baixa” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/03/2018, p.3).

Os conhecimentos dos pescadores estabelecem regras para a sustentabilidade da região, sendo essas sociedades parceiras da conservação do ambiente, pois, como evidencia

um pescador de Encantado, “a natureza ela faz bem para todos nós! Ela ensina muita coisa para gente! E o homem sem ela não consegue viver” (EP1, 05/05/2018, p.4).

O pescador artesanal não é somente o viver da pesca, mas sobretudo, a apropriação real dos meios de produção, o controle do como pescar e do que pescar (DIEGUES, 1983). As interações dos pescadores não se limitam ao uso e apropriação dos recursos, mas se inserem num contexto de relações sociais. Por exemplo, a produção de subsistência exige que o pescador tenha a percepção de ter o cuidado com o pescado para que evite os desperdícios (DIEGUES; ARRUDA, 2001). Nesse sentido, nosso interlocutor da cidade de Encantado expõe:

[...] a gente tem que ir preservando para sempre ter e não ir destruindo tudo que amanhã vai fazer falta! Tudo o que dá para preservar a gente tem que preservar. Aproveita só o necessário que ela tem, que ela pode dar e, o resto deixa aí. Tem gente que vai pescar e porque pegou um “purudinho” e joga pra fora da água pra morrer. Não! Eu digo, larga de novo no rio! “mah não é bom de comer. Quem sabe um dia ele é bom de comer. Porque todo o ser vivo na verdade ele é feito para se comido um pelo outro. Então ele tem a cadeia alimentar de cada um, tem os pássaros, a lontra, tudo vai viver em cima do peixe. Então tem que preservar. Eu procuro não perder nada! (EP1, 05/05/2018, p.10).

Além dos equipamentos utilizados em pescarias, os conhecimentos sobre as variáveis naturais como as estações do ano, os regimes de ventos, as fases da lua, as condições dos rios continuam sendo indispensáveis aos pescadores (BITTENCOURT, 2017), pois estes precisam entender os fenômenos naturais para que assim, tenham sucesso na atividade de pesca. Sobre as interferências das fases da lua, evidencia-se que ela detém influências no comportamento hidrodinâmico, atmosférico e biológico dos peixes. Sobre a influência da lua na pesca, o pescador da cidade de Taquari relata o seguinte:

A lua sim, né. Então como a gente pesca mais em rede né, então tem que se na lua mais fraca se for possível. Na nova [lua nova], na minguante, e até na crescente vai. Mas na cheia [lua cheia] a rede não dá peixe. E o peixe se a gente pega ele estraga muito fácil também né. No verão principalmente. Deixo, não pego a rede de manhã cedo ele já tá estragado. Já tá podre. A lua cheia é a pior lua pra pesca (EP2, 11/05/2018, p.6-7).

Para o pescador de Estrela, a lua influencia na morte do peixe, e diz:

A lua quando é **muito forte ela mata o peixe**. Questão de uma hora o peixe preso da rede ele tá morto. Duas horas, três depois, menos... botamos rede de noite, escuro, de manhã cedo já tem peixe que tá podre na rede, quando a lua é forte e **quando não tem lua tu pode até deixar de um dia pra outro que o peixe não morre**.

E: E qual seriam essas luas?

L: A lua cheia mata o peixe.

E: E a melhor lua pra pesca?

L: É o quarto crescente ou quarto minguante. Lua nova também vai. Mas a pior é a lua cheia. A lua quando dá muito clarão de noite, ela mata o peixe (EP4, 22/11/2018, p.8, grifo nosso).

Outro pescador, corroborando com a interlocução acima, evidencia que a lua interfere na pesca e destaca:

[...] influi, e muito, que se bota uma rede aí na lua cheia o peixe não aguenta duas horas e tá estragado, pelo menos eu não pesco na lua cheia, não tem como pescar porque a não ser se tu vai ficar ali do lado né, mas se você pegar e botar a noite pra levantar a noite e ir de manhã é botar peixe fora...

E: Tem que tirar na hora?

EP6: É porque a lua, duas horas o peixe já está estragado, peixe na lua, duas horas tá estragado.

E: E qual é a melhor fase da lua?

EP6: Minguante, é, pra mim é a melhor (EP6, 07/02/2019, p.10).

De acordo com as narrações dos três pescadores – um de Lajeado, um de Estrela e um de Taquari, a melhor lua para se pescar é a lua crescente, podendo praticar a pesca na lua minguante e lua nova. A lua cheia é a pior fase da lua para se pescar visto que o peixe apodrece rapidamente. Além da lua mantendo influência na pesca, temos também as alterações provocadas por outros fatores como as estações do ano e mais significativamente os meses específicos para pescar. Segundo relato de pescadores entrevistados existem dois períodos marcantes (seca e cheia) que exigem mudanças no cotidiano das pescarias. Sobre a melhor estação para pescar o interlocutor da cidade de Lajeado relata:

[...] bom, depende, mas no inverno é melhor, no inverno você pega, primeiro que o peixe não estraga, as barragem, Uruguaiana, Bagé, aí você pega o peixe e ele não estraga e a traíra e o jundiá é peixe do frio e assim (incompreensível) começa o pintado que é mês de agosto até outubro quando ele sobe, no inverno é melhor (EP6, 07/02/2019, p.10, grifo nosso).

Em relação aos meses e estações mais propícias à pesca, um pescador relata que entre os meses de agosto a outubro tem mais peixes, favorecendo a pesca (DIÁRIO DE CAMPO, 09/03/2018). O pescador de Encantado relata que,

Agora [maio] tá terminando a temporada do peixe de escama. Vai começar a temporada do peixe de couro. Mas o forte da pesca seria na época da piracema. Que geralmente os cardumes de peixe de escama sobe e o peixe de escama é o peixe que anda bastante que se desloca em quantias muito grandes então é um peixe fácil de pegar ele. O peixe de couro não, ele é um peixe mais de fundo, não é de andar tanto.

E: E qual seria o peixe de escama que tu fala?

R: Piava, agrumatã, agora tem a carpa, o lambari.

E: E o de couro?

R: Aí tem o jundiá, o pintado.

E: O lambari é um peixe de escama?

R: Sim, de escama! O lambari é um peixe de água quente, ele migra bastante na época da água quente.

E: E se não for na época da piracema qual seria a melhor época para se pescar?

R: Para nós aqui para pega o peixe de coró principalmente, seria agosto, setembro, outubro. Nessa época o peixe de couro tá emigrando bastante por causa da desova. Então na verdade, a piracema ela é feita pro peixe de escama não pro peixe de couro. Daí na desova do peixe de couro o pessoal pega os cardume de jundiá (não consegui escutar em razão do vento) o peixe vai lá na beirinha mas olha, ele faz barulho! Daí o pessoal vem e só joga a tarrafa em cima (EP1, 05/05/2019, p.8, grifo nosso).

E outro pescador enfatiza que “[...] Aqui na fase mais ruim que tem é quando chega o janeiro e o fevereiro. Então nessas época aqui que dá muito pouco peixe. Porque o peixe não se alimenta muito naquela época e é piracema” (EP2, 11/05/2018, p.6-7). Para este mesmo pescador, “[...] quanto mais cheio o nosso rio aqui [rio Taquari], mais peixe. Então, nossa época de fatura peixe é no inverno. Na época das chuvas é que nós peguemo a maior quantidade de peixe” (EP2, 11/05/2018, p.9).

A partir das narrativas, compreende-se que os melhores meses para pescar estão relacionados com o tipo de espécie de peixe. Corrobora entre os pescadores que, os melhores meses para praticar a pesca estão entre agosto e setembro e de novembro a fevereiro a pesca está proibida em razão da época de piracema. Partindo desse pressuposto, sabe-se que esses conhecimentos possibilitam uma otimização do uso do habitat, o que facilita as pescarias e a comercialização do pescado (BAPTISTA, 2007).

Moreno e Carvalhal (2013) ressaltam que a pesca é uma categoria que exige domínio de conhecimentos variados e especializados sobre o meio ambiente, construídos com base em suas experiências vividas na atividade pesqueira. Em uma de nossas incursões na residência de um pescador da cidade de Encantado, tivemos a oportunidade de incursionar junto com ele no rio Taquari. Quando chegamos à sua residência, ele estava embaixo de uma árvore fazendo ajustes em sua tarrafa de pesca (FIGURA 02). A rede utilizada pelo pescador é uma rede feita com fio de náilon, e embaixo (para ter peso) para descer até o fundo do rio parece ter umas barras de ferro.

Figura 02 - Material de pesca e a arte de pescar



Fonte: Acervo do projeto de Pesquisa-

Tendo por base os dados apresentados, e a imagem apresentada, percebe-se que o pescar apresenta-se como parte de um universo com costumes e conhecimentos adquiridos pelas suas experiências diárias do rio. Além disso, os pescadores artesanais em suas práticas pesqueiras (o equipamento mais adequado, os apetrechos de fácil manuseio) compreendem a dinâmica do rio, do saber pescar, do comportamento dos peixes e da natureza. Assim, a pesca artesanal associa-se a uma interação de respeito para com a natureza, equilibrando a necessidade e a oferta, além das comunidades pesqueiras se organizarem social e economicamente.

A atividade pesqueira seja ela industrial ou artesanal se interliga em um universo permeado de costumes e conhecimento culturalmente passados de geração para geração, normalmente de pai para filho (BRAIDO e CAPORLINGUA, 2013), ou, conforme Andreoli e Anacleto (2006), a atividade pesqueira é baseada em conhecimentos transmitidos ao pescador pelos mais velhos, ou por irmãos ou tios ou também com a própria experiência adquirida no trabalho diário no rio.

O que se percebe é um aprendizado por necessidade ou, em algumas vezes, pelos ensinamentos de pessoas próximas a eles. Então, não podemos afirmar que as atividades pesqueiras em águas do Taquari, ao menos de forma direta, foram transmitidas de geração para geração, pois alguns pescadores aprenderam pela necessidade da vida, outros, aprenderam com seus irmãos e pai. Sobre práticas de pesca e a transmissão de conhecimentos, o pescador da cidade de Encantado relata o seguinte:

[...] Quando eu tinha em torno de 6 anos de idade, o pai tirava areia do rio. E aí eu ia junto pescar. Meio dia por dia eu estudava e o outro meio dia eu ia junto tira a água do barco. E aí a gente já ia pescando! Sobrava um tempo a gente ia junto, de linha. Naquela época era só linha de mão. E tinha muito peixe aquela época. [...] eu aprendi com os irmãos mais velho, né. [...] E depois vai aprendendo com tempo! E hoje assim, dá pra dizer que já sou profissional na pesca. Porque a gente conhece bem o rio, a gente sabe manusear bem o material de pesca então facilita, a prática surgiu ao longo desses anos (EP1,05/05/2018, p.3).

Além dos ensinamentos da pesca transmitidos pelo seu pai, o pescador de Encantado informa que tem um irmão que pesca e pelas palavras do pescador “ele pesca muito mais que eu!” conseguindo viver somente da atividade pesqueira. - “Ele não trabalha fora e só vive da pesca” (DIÁRIO DE CAMPO, 08/02/2018, p.3). O pescador da cidade de Taquari, presidente e associado na colônia de pescadores Z32, referindo-se aos seus ensinamentos na pesca nos diz que “Desde criança, desde os 7 anos com o meu pai eu pescava, ele era agricultor, ele pescava também e a gente foi se incentivando naquela profissão. Eu já trabalhei na roça também e depois eu fui me aperfeiçoando na pesca, né?!” (EP2, 11/05/2018, p.1).

Diferente dos pescadores referidos anteriormente, o pescador da cidade de Estrela dialoga que a necessidade de subsistência de sua família fez com que aprendesse a pescar. Em algumas oportunidades, foi acompanhado de seu irmão mais velho, que já pescava no rio, onde gradativamente, foi aprendendo as técnicas da pesca. Sobre isso, o pescador expõe:

Quem me ensinou foi a necessidade da vida. Eu sou de uma família que é uma família numerosa e meu pai era oleiro, trabalhava em uma olaria e ganhava um salário mínimo e... a necessidade e ainda paga aluguel, água, luz, tudo, e não sobrava nada. E como nós morávamos perto de onde é que tinha um arroio passando ali, na época não tinha poluição, eu aprendi pesca desde os sete, oito anos. Comecei a pesca pra ajuda no sustento da família e aí, eu comecei a tomar gosto pela coisa. Eu ia lá no arroio com o anzol de vara e pega o peixe e ia pra casa e a mãe já me agradecia... - “Bah”! que bonito peixe que tu trouxe!” E isso fez que eu tomasse gosto! (EP4, 22/11/2018, p.2).

E complementa:

Meu pai não pescava. Ele não tinha tempo. Ele trabalhava, chegava em casa... era serviço muito pesado. Trabalhar em olaria, trabalhar com barro o dia inteiro, enfornar, aqueles fornos quentes, de tijolo de telha, era muito cansativo. Ele chegava de noite em casa ele não queria mais sabe, ele tava cansado. O salário era pouco, então tudo que a gente podia fazer pra ajuda, ajuda a família. E então, meu irmão mais velho também já pescava e aí eu comecei a ir junto com ele.

E: E tu foi aprendendo olhando ele?

[...] Fui aprendendo olhando ele. Saía de noite às vezes com uma lanterna, um facão, na beira do arroio e aí se via o peixe deitado lá e ele dava um corte na cabeça ali e pegava e levava pra casa, botava numa sacola e levava pra casa. Na época não existia plástico, né. Era um saco aqueles de algodão. Plástico surgiu bem depois (EP4, 22/11/2018, p.2-3).

A partir das interlocuções, percebe-se que nem todos os pescadores aprenderam a pescar com seus pais ou parentes mais próximos. Para Andreoli e Anacleto (2006), o saber tradicional dos pescadores é empírico em razão das experiências diárias com a ida ao rio e também é dinâmico porque se transforma em razão das mudanças socioeconômicas, tecnológicas e físicas dos espaços territoriais que circulam.

Os conhecimentos dos pescadores do rio Taquari seguem regras de preservação para a sustentabilidade da região, onde estes pescadores conservam o ambiente, pois, como menciona um pescador de Encantado, “a natureza ela faz bem para todos nós! Ela ensina muita coisa para gente! E o homem sem ela não consegue viver” (EP1, 05/05/2018, p.4). Assim, podemos enfatizar que a produção da subsistência exige que o pescador tenha a percepção de ter o cuidado com o pescado para que evite os desperdícios (DIEGUES; ARRUDA, 2001).

A partir da interlocução arrolada anteriormente e corroborando com estudos de Andreoli; Anacleto (2007) e Batista (2007), entende-se que os pescadores conhecem os limites da coleta de acordo com o ritmo da natureza mantendo o equilíbrio ambiental. Sendo assim, conforme Baptista (2007), a percepção do ambiente é de suma importância, já que traduz a relação das sociedades com a natureza.

As percepções dos pescadores artesanais sobre os espaços do rio Taquari possuem suas singularidades e estão em conexão com a apropriação e uso dos recursos naturais presentes neste território. Assim, a partir de suas dinâmicas e construções socioculturais, estes pescadores influenciam na conservação dos recursos hídricos, pois precisam manter o equilíbrio do ecossistema para preservar a atividade pesqueira.

A territorialidade pesqueira em espaços do rio taquari

De acordo com estudos de Wedig (2017) na área das Ciências Sociais e Humanas, o conceito de território tem início nas discussões da geografia como uma relação entre espaço, natureza e sociedade. Delineia o conceito de território a partir da ação social de diferentes atores que se apropriam e delimitam um determinado espaço e, dessa forma,

incorporam relações de poder. De acordo com os interlocutores, associado à área de estudo da geografia ele evidencia que:

A definição de território originalmente é retirada da natureza e representava o espaço que era ocupado, dominado e defendido por um determinado grupo de indivíduos de uma mesma espécie em detrimento de outros animais. Socialmente, os atores, dependendo de seu poder econômico e político também exercem soberania sobre um território ou seu ordenamento territorial (EG3, 26/09/2020, p.4).

Corroborando, Paula (2018) afirma que o território resulta da capacidade da sociedade de transformar tanto a natureza envolvente como suas relações sociais por meio do trabalho. Nos estudos de Eduardo Viveiros de Castro (2002), os conceitos de natureza e sociedade são construções produzidas a partir das distintas culturas, as relações que as coletividades estabelecem com a natureza e entre si, passam a ter sentido e significados se estudados tendo em vista o olhar da sociedade em questão.

Os pescadores artesanais também se relacionam com os ambientes naturais onde os pescados se reproduzem. A pesca artesanal, classificada como atividade extrativa, tem a natureza como condição para sua realização, isto é, exige um conhecimento do que pescar, do onde e de como capturar o peixe, o que demanda uma experiência direta com rio (CARDOSO, 2011; NUNES, 2018). Portanto ratifica a ideia de Paul Little (2002) quando estuda os ribeirinhos da Amazônia e os pescadores artesanais do litoral para definir seu território. Segundo Little, entre essas comunidades existem formas de apropriação de um espaço articuladas em função de seus usos, significados e conhecimentos sobre as águas. Para os pescadores, o usufruto coletivo de determinadas áreas estendia-se para além da terra para incluir “territórios marinhos”.

A familiaridade de cada pescador com uma dessas áreas marítimas e fluviais cria territórios que são incorporados à sua tradição, pois esse lugar é entendido como um espaço de subsistência e também de pertencimento. De acordo com nosso entrevistado, “os pescadores exercem suas atividades a partir de territorialidades e eles estabelecem territórios [...] Os pescadores têm uma relação com o espaço e essa relação se apresenta como territorial” (EG2, 24/09/2020, p.3).

Corroborando, os pescadores artesanais do rio Taquari não procuram os recursos pesqueiros por acaso, mas buscam em locais específicos do rio, ou seja, buscam lugares onde a quantidade de peixes é maior. Para identificar os lugares mais apropriados da pesca no rio Taquari, um pescador de Estrela relata:

E: E tem um território exclusivo para os pescadores pescarem?

L: Ele tem que respeitar o canal de navegação, e não pode a jusante e a montante das barragens muito próximo, não pode ficar próximo de arroios por causa das poluições e nas corredeiras, nas corredeiras, que se entende onde a água faz barulho porque hoje o rio corre por toda a sua extensão mas diz que aquilo lá é uma cachoeira eu subentendo se ela fizer barulho, uma vez que a água sobe um pouco ela deixou de fazer barulho, ali deixou de ser cachoeira (EP4, 22/11/2018, p.6).

A partir dos relatos de dois pescadores, um de Lajeado e outro de Estrela, é possível observar que a experiência do pescador permite a sociabilidade entre natureza e pesca artesanal. Além disso, a pesca estende-se para além do rio Taquari, para a qual os pescadores procuram lugares apropriados para a atividade e onde encontram uma quantidade satisfatória de pescado.

Assim, podemos dizer que a territorialidade da pesca é entendida pelos pescadores de acordo com as necessidades de subsistência, bem como pode ser caracterizada a partir de um viés econômico. De acordo com os estudos de Kauss; Santos (2017), a territorialidade emerge como a expressão da coexistência de atores no mesmo espaço físico, compartilhando elementos políticos, sociais, históricos e culturais num determinado contexto social. Esta territorialidade, exercida em um determinado espaço, é uma expressão de relações biológicas, culturais, políticas, sociais e econômicas.

Conforme Paula (2018), as territorialidades da pesca artesanal são evidentes no âmbito das comunidades e integram áreas de pesca e de recursos que são utilizados nas pescarias. Assim, podemos dizer que a territorialidade pesqueira e a própria natureza dos rios são entendidas pelos pescadores artesanais de acordo com as necessidades de subsistência e podem ser caracterizadas a partir de um viés econômico.

O pescar consiste em um processo de apropriação da natureza e a territorialização da pesca é entendida como a necessidade do pescador em manuseado e ocupar espaços necessários para realizarem suas atividades e para delas sobreviverem. Os pescadores artesanais buscam em locais específicos do rio, em lugares onde a quantidade de peixes é maior. Essa definição de “o melhor lugar para pescar”, “a procura de recursos pesqueiros”, está definido como o conjunto de saberes e ~~saber-fazer~~ a respeito da natureza e do território.

Como destaca Little (2002), a territorialidade humana tem uma multiplicidade de expressões, o que produz um amplo leque de tipos de territórios, cada um com suas particularidades socioculturais. A territorialidade segundo Raffestin (1993) adquire um valor particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo

territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.

Para os pescadores, tendo como base os estudos de Guedes (2011), compreende-se que os territórios da pesca são os lugares onde os indivíduos integrantes das colônias de pescadores se utilizam de um determinado espaço para retirada dos recursos pesqueiros. Nestes espaços, as colônias de pescadores desempenham a organização social, a qual determina as normas de extração e, consubstancialmente, do território na busca de promover o uso racional dos recursos, considerando o ambiente nos preceitos da sustentabilidade.

Nesse sentido, os pescadores do rio Taquari, mediados/orientados pelas colônias de pescadores Z20 de Estrela e Z32 de Taquari, exercem a atividade pesqueira em outros espaços para além do Taquari. Estes se movimentam para outros territórios à procura de peixes suficientes para pescarem e poderem assim comercializar. A partir de algumas interlocuções com pescadores, entende-se que estes procuram lugares para pescar que comportam uma quantidade considerável de peixe.

Esse deslocamento acontece em razão da diminuição do pescado no rio Taquari. Um pescador de Encantado relata que tem por hábito pescar em Muçum, mas, periodicamente desloca-se para o Ibicuí. Sobre isso temos:

Geralmente eu pesco de Muçum (Vale do Taquari – cidade próxima a Encantado/RS) até aqui para baixo no Navegantes (bairro de Encantado), lugares assim, né. E esses dias nós fomos pro Ibicuí (rio brasileiro localizado no estado do Rio Grande do Sul) fazer uma pescaria pra lá (EP1, 05/05/2018, p.2).

Já o pescador da cidade de Taquari, relata que pesca no rio Taquari e também no rio Jacuí, e para a quantidade de peixe desejável, este relaciona a influência da água para a captura do pescado:

Mais é o rio Taquari e o rio Jacuí [...] É o seguinte. Tudo depende do clima e depende da água né! Se o nosso rio, o rio Taquari tem vários afluentes que entram nele, arroios, já começa nas cabeceiras. Se o nosso rio tá bem de água, se ele tem um certo nível então se o nosso rio está bem de peixe. Quando o nosso rio abaixa muito a água e a água é muito clara o peixe vai descendo, aí o peixe não se concentra aqui. Então ele vai descendo pras lagoa, pro Jacuí, então quando tá bom aqui, a água tão boa, a gente pesca aqui, mas pra cá. E quando começa a ficar ruim a gente que ir desce pra baixo até as lagoa a gente pesca (EP2, 11/05/2018, p.4-5).

O pescador de Estrela tem por hábito pescar na cidade de Estrela, mas também se desloca para a região dos Pampas. Sobre isso o interlocutor menciona:

Quando eu pesco eu pesco ali e Estrela tem um amigo meu que também é pescador que a gente às vezes pesca junto ali, ali um pouquinho pra cima da ponte, um pouquinho pra baixo, naquela região ali. Mas o principal lugar que eu pesco é na região dos pampas. Região de Bagé, Pedras Altas, Erval, Dom Pedrito (EP4, 22/11/2018, p.6).

Já o pescador de Teutônia menciona que o melhor lugar para pescar é na Barra do Forqueta, mas também vai para Barretos – em São Jerônimo pescar.

Ah, tem, tem os lugares né, tem os lugares, só que tem muitos lugares bons que tem que ser respeitados né, por exemplo, que nem ali na Barra da Forqueta é um lugar muito bom de pescar pintado, só que daí você tem que pegar, tem a correnteza lá que então você tem que respeitar xis metro abaixo e xis metro acima né que se usa, onde te pega tu tá sujeito a perder a carteira né.

E: E tu, pesca em que lugar assim que tu tem preferência pra pescar?

EP6: Lá em Barretos!

E: Onde é isso?

EP6: É ali em São Jerônimo, ali onde tem a ponte de ferro, é o nome do lugar ali do distrito é Barretos, mas pertence a Triunfo.

E: Mais ainda é o Taquari?

EP6: Ainda é o Taquari, dá cinco quilômetros antes de entrar no Jacuí.

E: Hum, e ali é o melhor lugar tu acha?

EP6: Sim, porque a gente tem uma casinha lá e é melhor por causa disso (risada). Aí se pega bastante peixe, é muito bom (EP6, 07/02/2019, p.3).

Pelas interlocuções arroladas anteriormente, percebe-se que os territórios pesqueiros diferem a partir da percepção de cada pescador. A partir de seus entendimentos sobre a água e quantidades de peixes remete-se a lugares específicos para poderem pescar uma quantidade desejável.

Identificando-se com o território, a sociedade adquire e reconhece o seu território como parte de sua própria identidade, como elemento integrante de seu modo de vida. Relacionando-se aos pescadores esse território além de ser entendido como identitário, é utilizado como trabalho nas atividades pesqueiras. A apropriação da natureza por parte dos pescadores através da atividade da pesca e da construção de seu conhecimento acerca dos ecossistemas e seus elementos naturais, com os quais interagem no desenvolvimento das pescarias, os conduz a um processo de territorialização, ao mesmo tempo em que se constroem suas territorialidades, fundamentadas na pesca e centradas no conhecimento (GUEDES, 2011).

Assim, entende-se que o território é repleto de dinâmicas que são complementares e renovam os olhares sobre a reprodução das relações sociais. A atividade da pesca se refaz constantemente em seus territórios, pois representa a relação entre sociedade e natureza. A partir da territorialização do indivíduo surgem diversas territorialidades e o ato de

territorializar é intrínseco dos seres humanos, pois estes necessitam de espaços próprios para realizarem suas atividades e para manter a subsistência familiar.

Considerações finais

Com as informações abordadas neste artigo a respeito da territorialidade pesqueira e os saberes dos pescadores artesanais do rio Taquari foi possível perceber que os pescadores artesanais vivem ao ritmo do ambiente, ou seja, precisam entender cada modificação para que possam conseguir pescar. Há conhecimentos sobre as águas, sobre a natureza e os peixes. Esses conhecimentos estabelecem regras para a sustentabilidade dos espaços que percorrem com seus caícos, sendo essas sociedades parceiras da conservação do ambiente. O cotidiano do pescador do rio Taquari é entre a água e a terra. Os saberes tradicionais dos pescadores são provenientes das práticas diárias no rio, das conversas entre pescadores e em algumas vezes, passado entre as gerações.

Além disso, compreendemos que um determinado território é entendido e manuseado de acordo com a cultura, hábitos e relações estabelecidas entre a sociedade e a natureza, como os pescadores que se relacionam com seu ambiente natural. Portanto foi possível constatar que as territorialidades de pescadores artesanais do rio Taquari se expressam mediante o conhecimento que estes estabelecem sobre o espaço para ter o acesso aos recursos pesqueiros.

Os pescadores artesanais buscam em locais específicos do rio, em lugares onde a quantidade de peixes é maior. Essa definição de “o melhor lugar para pescar”, “a procura de recursos pesqueiros”, está definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito da natureza e do território. Os olhares e saberes do rio Taquari são entendidos e manuseados de acordo com sua lógica cultural e com suas necessidades de subsistência e de desenvolvimento econômico. Neste sentido, enfatizamos que as percepções socioculturais, econômicas e ambientais dos pescadores sobre os espaços territoriais do rio Taquari possuem peculiaridades próprias e estão interligadas à apropriação e ao uso dos recursos naturais existentes no espaço.

Referências

- ABDALLAH, Patrícia Raggi. **Atividade pesqueira no Brasil: Política e evolução.** 1998. 148f. Tese (Doutorado) - Ciências economia aplicada, Universidade de São Paulo, Piracicaba, São Paulo, out. 1998.
- ACERVO documental e fotográfico. **Projeto de Pesquisa “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas/RS”.** Univates.
- ANDREOLI, Vanessa Marion; ANACLETO, Adilson. Compartilhando saberes: os conhecimentos tradicionais e a educação ambiental. **IX EPEA - Encontro Paranaense de Educação Ambiental.** Guarapuava-PR, 2006. p. 1-10.
- ARRUDA, Gilmar. A natureza dos rios”. In: **A natureza dos rios: história, memória e territórios.** ARRUDA, Gilmar (org.). Curitiba: editora UFPR, 2008. p. 7-25.
- BAPTISTA, Cristina Paes Barreto. **O uso e a percepção ambiental de áreas úmidas por uma população ribeirinha na região da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas, Rio Grande do Sul.** Orientador: Leonardo Maltchik Garcia. 2007. 73 f. Dissertação (Mestrado) – Biologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, mai.2007.
- BACCI, Denise de La Corte; PATACA, Ermelinda Moutinho. Educação para a água. **Estudos Avançados,** 2008, p. 211-226.
- BITTENCOURT, Carolina Amorim da Silva. **Pessoas, Sereias e Divindades: Um Estudo Etnológico, Mitológico e Etnoceanográfico em uma Colônia de Pescadores no Sul do Rio Grande do Sul. Pelotas, agosto de 2017.** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. p.228
- BORGES, Caroline Maria Cadore. **A atividade pesqueira no rio Taquari-RS: Degradação ambiental e suas relações com a pesca artesanal.** Porto Alegre, outubro de 2015. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p.113.
- BORGES, Caroline Maria Cadore; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Pesca e pescadores no Rio Taquari. **Interface.** n.6. p. 40-48. 2013.
- BRAIDO, Janaina Agostini; CAPORLINGUA, Vanessa Hernandez. O preconceito e a desinformação como obstáculos à transformação social: a educação ambiental política como ferramenta de resgate da cidadania das mulheres na atividade pesqueira. In **Anais do VII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental,** 2013. Rio Claro. Rio Claro: Unesp/USP. p.1-16. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=a523426cc5857453>. Acesso em 17,jul.2018.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone. **A pesca em águas interiores do Rio Grande do Sul: Apontamentos para uma caracterização preliminar.** In: PALHETA, João Marcio; SILVA, Christian Nunes da. (Orgs). **Pesca e territorialidades: contribuições para análise espacial da atividade pesqueira.** Belém: GAPTA/UFPA, 2011. p.13-30.

_____, Eduardo Schiavone. **Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social.** Tese apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física. São Paulo, 2001, p.143.

CARTILHA DO PESCADOR - Comissão de Economia e Desenvolvimento - Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo - Subcomissão Mista da Pesca e Piscicultura, 2003.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A Inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

DESCOLA, Philippe. **A quem pertence a natureza?** In: SEGATA, Jean [et al.] (orgs). Populações tradicionais, ambientes e transformações. Natal, RN: EDUFRRN, 2018. p. 32-46.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** São Paulo, Ática, 1983.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira (orgs.). **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP/ NUPAUB. 2001.

FERRI, Genuíno A.; TOGNI, Ana Cecília. **A história da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas.** Lajeado: Ed. Da Univates, 2012. 375p.

FONSECA, Wagner; CAROLA, Carlos Renato. Os rios e a vida: percepções para uma educação ambiental. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 34, n. 2, p. 136-155, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7009>. Acesso em 28/09/2018.

GUEDES, Eneias Barbosa. Território e territorialidade de pescadores no Marajó: o exemplo das localidades Céu e Cajuúna Soure (PA). In: PALHETA, João Marcio; SILVA, Christian Nunes da (orgs.). **Pesca e territorialidades: contribuições para análise espacial da atividade pesqueira.** 1. ed. Belém: GAPTA/UFPA, 2011. p. 67-86.

SILVA, Christian Nunes da (ORGS). **Pesca e territorialidades: contribuições para análise espacial da atividade pesqueira.** 1. ed. - Belém: GAPTA/UFPA, 2011. p.67-86.

KAUSS, Bruno Silva; SANTOS, Vanessa Flores dos. **Reconhecimento jurídico e políticas públicas de acesso às terras indígenas e quilombolas no Brasil.** In: RAMOS, João Daniel Dorneles; WIVES, Daniela Garcez (orgs). Natureza do espaço e o desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p.69-90.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul.** Lajeado-RS: Editora da UNIVATES, 2017.

LITTLE, Paul Elliot. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. Textos de história. **Revista de Pós-Graduação em História da UNB,** Brasília, v. 2, n. 4, p. 5-25, 1994.

_____, Paul Elliot. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série antropologia.** 2002. Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

MORENO, Larissa Tavares; CARVALHAL, Marcelo Dornelis. **Trabalhadores do mar: uma discussão sobre as transformações do trabalho do pescador artesanal de Ubatuba/SP.** Revista Pegada, v.14. n.1, p.140-163. 2013.

NUNES, Shauane Itainhara Freire. **A mediação natureza/sociedade e as lógicas espaciais e territoriais da luta pela água sob a dimensão dos pressupostos teóricos lukacsianos da ontologia do trabalho.** São Cristóvão, 2018. 254 p. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

PAULA, Cristiano Quaresma de. **Geografia(s) da pesca artesanal brasileira.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul tese (doutorado). Porto Alegre. 2018. p.451.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993. p. 143-185.

SANTOS, Geraldo Mendes dos; SANTOS, Ana Carolina Mendes Dos. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. **Estudos avançados.** 2005, p.165-182.

WEDIG, Josiane Carine. Territórios e questões ambientais na perspectiva de povos e comunidades tradicionais. In: RAMOS, João Daniel Dorneles; WIVES, Daniela Garcez (orgs). **Natureza do espaço e o desenvolvimento.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p.115-138.

Submetido em: novembro de 2020

Aceito em: março de 2022